BARCELOS
34.3-1Vilaça,F

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 518
3. III 949

Amores e Flores

poema

de poemas e poemetos

p.

rnando Simões Villaça

remos se não tivermos um Minis-
lores reais, onde comandem os
r prudentes, onde a ciência e prá-
naz, sobrehumano, que traga final-
bisa mais do que dívidas, angus-
o dos trabalhos que é, ao mesmo
ação permanente de cada ano».

os Lavradores e os Traba-
dando-se-lhes Caixas de Pre-
nicas, etc. etc.

, por que é de toda a justiça.
rabalhará, pelos portugueses.

---

racter—era um Homem Bom de Barcelos e que muita falta vai fazer ás principais instituições da Cidade do Cávado, por quem muitissimo trabalhou, tendo desempenhado os cargos de vice-provedor da Misericordia, vereador municipal, mesario da Irmandade do Senhor da Cruz, director da: Associação Humanitaria, Associação Comercial e Associação dos Caixeiros, tesoureiro do Recolhimento do Menino Deus, etc., etc.

Como jornalista, João de Sousa, foi um valoroso combatente pelo engrandecimento de Barcelos, escrevendo na «Folha Liberal», na «Acção Social», em «O Barcelense» e, ultimamente, no «Noticias de Barcelos»

INTRA-MUROS

Barcelense nº 1979
de 12. Março 1949

Barcelense nº 1979
de 12. Março 1949

INTRA-MUROS

Reflexo de sombras

Noutro dia, pessoa amiga ofereceu-me um livro manuscrito, inedito, intitulado «Amores e Flores» (poema de poemas e poemetos), cujo livro contem 67 sonetos e 178 paginas com o respectivo indice, da autoria do falecido Fernando Simões Vilaça, grande proprietario e capitalista, cujo livro, por minha vez ofereci á Biblioteca Municipal.

Fernando Simões Vilaça, natural de Barcelos, aonde nasceu em 1837, era filho de Fernando Antonio Cerqueira Simões Vilaça e de D Luiza Simões Vilaça, tendo falecido no seu chalet da Quinta da Ordem, na Fonte de Baixo, desta localidade, em 2 de Fevereiro de 1914, com 77 anos de idade.

Como era bastante abastado e jogava frequentemete na Bolsa, era conhecido como um dos melhores banqueiros aqui do Norte.

Foi casado, com uma sua serviçal de nome Maria Rosa da Costa, a qual não se tendo portado condignamente, ele teve de recorrer á Justiça, requerendo o seu desquite, por, naquele tempo, não haver leis que permitissem o divorcio, razão porque, quando faleceu, cheio de desgostos, se encontrava na situação de separado judicialmente.

Frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra atè ao 4.º ano, que completou, abandonando porem os estudos a pedido de sua mãe, após o falecimento do pae, afim de melhor governar os grandes bens de fortuna que lhes deixára.

Simões Vilaça, era creatura muito fidalga e culta deixando publicado diversas obras poeticas, entre elas as seguintes:

Hymno da Manhã, e Vida na Terra

as quaes conjuntamente com o manuscrito inedito, a que acima me refiro, ofereci á nossa Biblioteca Municipal e bem assim um pequeno opusculo intitulado «REFLEXÕES JURIDICAS», por parte de Fernando Simões Vilaça contendo a sentença de primeira instancia no Processo de Artigos de Falsidade entre o mesmo e D. Maria Rosa da Costa, de Barcelos, do qual se põe a claro a vida amargurada d'aquele ilustre e probo cidadão.

Tudo isto, em meu fraco entender, fica bem guardado junto do recheio da nossa Biblioteca Municipal.

3

Oferta do Tenente Q.R.

Francisco Cardoso e Silva

Proemio

P (52)-1-43
C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 6474
Barceliana Perm.

Um velhinho simples, bondoso, um tesoiro
De estrelas na ideia, peito em chammas d'oiro,
Da infancia adorando os botões purpurinos
Com ditos, com graças, com brincos divinos,
E anceando que os homens se prezem de modo,
Que um abraço de alma cinja o mundo todo,
De cabello branco, luzido de prata,
Amores e flores, em verso, relata.

Assim de senil, e saudoso procura,
Em ternas memorias clarões de ventura:
E tu, Alta Gloria, que o genio premeias
Por obras sublimes, por novas ideias,
Vai vendo se digno se aperta o mesquinho
Da vida cançado, da morte visinho,
De cabello branco, luzido de prata,
Que Amores e Flores, em verso, relata.

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
40424

Rosal andaluz.

Quien no vió á Sevilha,
No ha visto maravilha.

Adagio popular.

Bela estrela — que mulheres
Em Sevilha!.. se poderes
Segreda a quem queira ouvir
De este rosal a sorrir
Qual o botaõ mais perfeito,
Que hade haver quem prenda ao peito
Rosa d'amor por abrir.

Que mulheres! que animado
Gesto o seu! leque agitado
Com graça tão senhoril!
E em bailes ... que dons d'abril!...
Um rosal de humanas rosas,
Que dão a danças mimosas
Vivacidade subtil!

De olhos pretos buços preto,
Moiras são, que um esqueleto
Podem n'um dandy mudar,
De luneta olhando o mar;
Duna e penhas caprichosas,
~~Aonde a~~ botões de rosas
Foram nas ondas parar!

Sua mão nevada e fina
Ora afaga, ora assassina!
E a quer inda alguem assim
Para tocar bandolim,
Ou em dia de seu annos,
Para a gregos e troyanos
Cumprimentar no festim.

De falas ensinuantes!
Borboletas doidejantes!
E os braços que a mãe lhes deu,
Vendados com fino veo
De tamanha austeridade!
Quem tão crú deixar não ha de
Vêr só ratitos de ceo?

N'elas é tudo sabor!
E a cinta . . . nem pensar quero . . .
Que suicidio atroz! Jesus!
Pois dar a cerviz inclúz
Do cinto ao cerulo laço,
E penar por curto espaço
Morrer, que a morte seduz!

De negro, ou aureo, o cabello!
Quando o embellecem com zelo
É fantastico jardim,
Se o descuram, ~~sempre~~ emfim
Mesmo ao desdem arrebata,
Faz cativos, a quem mata,
Com punhal mão bella assim!

Com punhaes! hei de dizel-o
Sevilhanas, convulsos,
Um dia com suas razões;
São os mortos legiões!
Muitos mil, que infortunados,
Com vossas tranças ligados,
Gemem beijando os grilhões!

Teu porte é cortez e bello!
O vestir todo um disvelo!
São estudo ao toucador!
— Ai pombas!.. se um caçador
N'estes sitios apparece...
De que sois belas se esquece,
E atira-vos logo... amor!

—

De Cordova e de Granada
As flores . . . noite estrellada!
Não sentem os coraçãos,
Mais que vós, ternas emoções,
Quentes, calidos desejos,
Se os astros inspiram beijos,
E a serenata, paixão.

Tambem digo és maravilha
Com teus encantos, Sevilha,
Cada qual mais seductor,
Por toda a parte esplendor
Que o ideal vivaz escalda,
Passeios, festas, Giralda,
Alcaçar moiro, o melhor (1)

Tens entre os dons, que entesoiras,
Nas lindas sangues de moiras
A germinar, reflorir,
De cada flor, flor a vir,
Moiras, pelas quaes tão bellas,
Ao passar ante as janellas,
Suspira o Guadalquivir.

Sevilhanas! sol de Espanha,
A Dama, a que o Tejo banha,
Lisboa, é tão genial!
Ide lá ver se é leal
Portuguez, que ama hespanholas...
Baila, e tange castanholas,
E pandeiro, sem rival;

Tourcia, queima valverdes,
É chato, traz calças verdes,
Cor rubra, sulfur, d'anil,
Joga, toca por funil,
Cavalga, faz piruetas,
Com tanto com sal e tretas
Faça rir Chica gentil.

Que avenidas em Lisboa!
Grande porto! A gente é boa;
Bom é todo o portuguez;
Só Satanaz truces fez
Que empalmou lá os meninos;
E sem hijos pequeninos
Traquinando — que avidez!

Já ninguem lá vê creanças!
Mas indo com vossas danças
Ao solo de Portugal
Não fareis — calcando o mal —
Florir com ninos as granjas?
Se o laranjal dá laranjas,
O que dareis vós, rosal?

Terceira, genuína [illegible], —
E chula, tem [illegible]
Cor [illegible], [illegible], d'Anil, [illegible]
Joga, toca por [illegible],
Cavalga, faz [illegible] —
Com tanto com [illegible]
Faça um [illegible] gentil

Ver [illegible] em Lisboa!
Grande porto! A gente é boa
Bom é todo o português;
E Satanaz [illegible] fez
[illegible] lá [illegible];
E um beijo pequenino
[illegible] que [illegible]!

Rainha Santa

Obulos em flores

Rainha amada assim! Virtude tanta
De só fructos d'amor apercebida,
Por dama igual, taõ bela possuida,
Portugal jamais viu, e ver encanta!

O templo no seu dia em festa a canta;
Que alem de anjo de paz foi sua vida,
A famintos e enfermos dar guarida
Com saudaveis prodigios como santa.

E santa o ceu a fez, qual povo a cria!
Mesmo ao regaço as flores que levava,
Aos pobres em moedas convertia;

De angustias mil a noite illuminava
Por onde fosse — e então tudo corria
Ver e saudar a Santa que passava!..

Senhor da Fonte da Vida

Na cruz o sol mais fulgente
Se sumiu — passou Jesus!
Alma aflicta — de repente
Vai ajoelhar-te á cruz!
Vai, alma afflicta, que perto
Peito ha, que á dor sempre aberto
Sempre balsamo gotêja
Em quem, se um rio deseja
Para a sede um rio é certo!

O corpo livido, morto,
Imagem do melhor pai,
Vês aqui, filhos, conforto
Junto á cruz, nelle buscae:
Buscaõ, correndo animados
De viva fé, umilhados
Crentes na summa baixeza
Que ante um pai de tal grandeza
Jamais ha infortunados!

Deus protege, Deus perdoa
E seu auxilio, ou perdaõ,
De sua excelsa corôa
Naõ é somenos florão!
Oh que não! Mesmo elle emquanto
Nos lava a culpa co' pranto
Que vertem nossos pesares,
Naõ mais areias nos mares
Que d'estrellas no seu manto!

Inclinai a fronte erguida
Em despedida ao Senhor,
Que por ser fonte de vida
Não o é menos do amor;

De um amor — que tem estrelas
Tem a dar as flores belas
De sua graça infinita,
Quais deste monte nos dita
Cultivar para colhel-as!

Nº 8

O corpo lívido, morto,
Longe do melhor paiz,
Vê-o aqui, filhos, conforto
Junto da cruz, nella buscae:
Buscae, convencidos [illegible]
De viva fé, unidos [illegible]
Contentes na commum [illegible]
Ser ante um [illegible]
Jamais da infortunado!

Deus protege, Deus perdoa
E seu [illegible], ou perdido,
Da sua incerta coroa
Não é somenos florão!
Oh quem não! Mesmo [illegible]
Nos taes a culpa do pranto
Nem contam [illegible] pecunia,
Não mais [illegible] nos [illegible]
Que d'estrellas é seu manto!

Grupo infantil

Flores da innocencia

Branca é irmã da Isolina,
Da Isolina é Sara irmã,
Cada flor com a manhã
Vindo a ver pequenina.

Podem tesoiros, baixellas,
Joalharias refulgir,
Que não vingam competir
Com quem traz luz das estrellas.

Use a aurora em seus labores
Orvalho em gotas soar,
Que o jardim ha de invejar
Sempre o viço a estas flores.

Logre o mar conchas mimosas,
Nacaradas produzir,
Que ellas tem inda a pedir
Tintas como as destas rosas

Estas mandou com certeza
Deus por mimo a este val,
Que n'este dom paternal
Tres anjos vê com surpreza!

Sim Branca, Sara, Isolina,
Prendas tais não são da cá,
Cada flor com a manhã
Vindo a voar pequenina.

Mãi e filho

Flores na Terra

Se o arbusto humano floresce . . .
A virgem, se um dia é mãi
E ao colo vê, que a entonquece
A creancinha que tem . . .
Se se inclina como a palma
Sobre o tenro fructo d'alma,
Que mal seguro no chão
A sua mão se segura . . .
Como ella, então, se afigura
A rosa junto ao botão!

Se reanimal-o deseja
Quando lhe esmorece a côr,
Que o levanta, agita, e beija
Como o sol a toda a flor...
Se elle chora, e ao regaço
O colhe em fervido abraço
Mostrando que um coração
De mãi, oh... nunca arrefece!..
Como, inda então, se parece
A rosa junto ao botão

Dá-se um emblema florido
De afecto puro, imortal,
Quando traz a si unido
Um Bem que - não ha igual!
Como se abandona o seio
A' borboleta, que veiu
Fazer nectarea extração
De uma e outra flor vermelha...
Sempre, emfim, que se simelha
A rosa junto ao botão.

Jardim de Luz

(Flores no Azul.)

Nos céus, que tão fundos
Eu olho a scismar,
Planetas são mundos,
Que andam no ar.

Satellites vão,
Que, ao largo, os cercando,
Em rondas andando
Tambem mundos são.

Espheras mimosas
Gravitam no ar,
E tão numerosas
Que é ver e pasmar!

Bellos, vivos sóis,
Sem conta que sejam,
Ardendo flammejam
Girantes faróis.

E o mundo, em que habito,
Planeta a andar,
Vai no infinito
Como os mais no ar.

D'elles legiões,
Em curvas seguindo
Vão, sim, reflectindo
Dos soes os clarões.

Não vaguêia á solta
Cada qual no ar,
Mas de um centro á volta
Voltas vai a dar.

E tal o que a dá
Seu curso é extenso,
Em espaço immenso
Que outro algum não ha!

Todos a levarem
Talvez gente e mar,
Sem nada, ao voarem,
D'elles se entornar.

E — Terra a correr —
Nós, que n'ella vamos,
Nós eros é que andamos
Sem o perceber!

Como havendo flores
De dentro a luz dar,
Sois de varias cores
Esplendor no ar.

Oh! quem sabio mais
Vos sempre assim vendo,
Não se cança lendo
Sistemas astraes?

E a Terra luzindo
De espelho solar,
Tambem cá vão indo
Como flor no ar.

Leva ar, agua e pão,
Caça, pesca e lume!
Nós cá se resume
Toda a creação.

É obra imponente,
Que abisma o pensar
Podel-a um só ente
Immensa crear!

Immenso nos céus
Seu gesto é que espande,
Sem par e tão grande
Só elle é que é Deus!

Hino da manhã

D'amor ao creador

Grande joia matutina,
— Fulges, acaso, ao auctor
Do infinito, a quem se inclina
A humanidade d'amor?
— Quem!.. Não vês, bella entre as bellas,
Altas, nitidas estrellas,
Quem a ti deu por missão
De nuncia do sol luzindo,
Desatar do azul infindo
Tão vivaz, amplo clarão?

Vez e brilhas! E a Aurora
Florea, e o rubro Arrebol
Fazem crer que ao sol colora
O conspecto de outro sol!
Outro sol, tão bello e grande
Que em espaço imenso expande
Irradiação sem fim,
Onde ao vacuo immensuravel
Mundos sem conta, incansavel
Projectou, valido assim!

×

× ×

Batendo a nevoa sombria
Faisca lança real . . .
É certo — o astro do dia
Vem com pompa triumfal!
Extinguem brumas, vapores,
Tem graça nos seus fulgores,
Calor tem nos raios seus,
Traz alma, traz alegria,
É quem vencendo alumia:
Gloria! Hossana! a elle, e a Deus!

A Deus — de quem, sol, houveste
Dar a Terra corpo e acção
Com massa que desprendeste
Em chamas no ethereo vão!
Hosana sim! que em torrentes
Em fulvos traços ingentes
Teu oiro voa, a passar...
Tinge os pincaros dos montes,
Desce aos campos, vem ás fontes
Rios e mares — brilhar!

Gloria! hosana! — Qual princeza
No dia seu nupcial
Apresta-se a natureza
Toda em galas, jovial!
Tua luz — ó sol — a enfeita,
Cobre, cinge, zela, espreita
Do bosque na solidão,
Onde por sitios entrada,
Lembra fera, mosqueada,
Dormindo no escuro chão!

Gloria! hossana! — Eis que surgindo
Rompe uma aste que alta dá
Copa em flôr, alma sorrindo
De mocidade e manhã!
A qual — folhas esparsa, ostenta
Exiguo fructo, que augmenta
Até distincto sabor
Em grande, e rubro no lado,
Que aguces mais inflamado
Por quem fez Luz, Vida e Amor!

× × ×

Grande hossana! — A Terra chia
Por ele com profusão
Do belo e bom, que semeia...
Acclama-o com efusão!
Pois quem nos presta agua e lume,
Ar, alimento, o perfume
Que atraentes flores teem?
Que aos astros dá luz e brilho?
A mãi que acalente o filho...
Ao filho sorria á mãi?

32

Que as auras bafejem rosas
Nos jardins — lirios no val'?
Que hajam fontes? mariposas
Esmaltadas no rosal?
E que, emfim, belos cantores
Escondam filhos e amores
N'ampla, arborea solidão
Pois, ferindo a vida espinhos,
Sequer adentro dos ninhos
Resguardem o coração?

Em ti, sol, a magestade
Se expressa d'um grande ser,
Cotejo-a com a humildade
Humana, augmenta o meu crêr...
Sim, quando n'ele medito
Se a alma, ao vel-o, anceia um grito
Para ergue-la de ti farol,
Presinto-o na diferença
De homem pó, á gloria imensa,
Do homem noites, ao maior sol!

Em summa — em ti a sciencia
Se assignala unida a amor,
Provendo toda a existencia
De calculado calor;
No gelo e obscuridade
Miseranda humanidade
Sem teu grato influição,
Povoado, campo e serra,
Mar e rio, toda a Terra
Expeltam com teu clarão!

Ah não faças d'ella um ermo!...
Um orbe extincto a rolar!...
Mas deixa-a ver-te sem termo
Contra a noite a batalhar,
Que é no seu giro incessante
Qual turibulo gigante
Do infinito ao grande auctor;
E para que toda a gente
Ante a aurora, á luz nascente,
Erga hossana ao vencedor...

32

Moises

(Exemplo de bem servir, e amar a Deos.)

Obliquos irrergia o sol nos cimos
Das tendas esses raios, essas chamas
Nitidas, esses de oiro largos traços
Que ficam pelo ar, quando ao seu leito
De areia se recolhe nos desertos.

Revestiam o campo o oiro e a purpura!

Subindo do Nebo o esteril monte
Moisés, homem de Deus, para e passeia,
Moroso e humilde, os olhos no amplo espaço!
De figueiras orlada vê primeiro
Phasga surgir; depois, além dos montes
De vista a percorrer, descobre todo
Gallaad, Ephraim e Manassés,
Cujo fertil paiz lhe fica á dextra.
Depois, ao meio dia, grande e esteril
O Judá sua areia, onde dorme
O mar occidental; lá mais ao longe
Neptali, coroada de oliveiras,
Mostra-se em valle, que á tarde empallidece;
Em planicies de flores, magnificas,
Serenas ao conspecto se apresenta
Gericó, a cidade das palmeiras.

E o bosque prolongando desde os plainos
De Phogor a Segor, se alonga tumido
O lentisco de folhas. Elle avista
Canaa todo, a terra promettida,
Onde negada, o sabe, ser-lhe a campa;
Avista sim, e a grande mão estende
Sobre os Hebreos; depois ... depois prosegue
Na encetada ascenção do monte ao vertice!

Ora, dos campos de Moab cobrindo
O extenso recinto, á larga fralda
Do santo monte, inquietos se agitavam
Os filhos de Israel no vale, como
Trigo espesso, que o aquilão agita.

Desde a hora em que o rocio á areia o cimo
Umedece, do bordo ao cimo perolas
Embalando, propheta centenario,
Moisés, cercado d'honras, tinha ido
Procurar o Senhor. Os olhos iam
Seguindo-lhe da fronte a luz radiante,
E logo que attingido havia o cimo
Do grande monte, mal sua cabeça
Rasgou de Deus a nuvem que coroa
Com seus clarões do alto sitio o pincaro,
Sobre altares de pedra, é visto o incenso
Arder por toda a parte, e se baixaram
Seis centos mil Hebreos ao chão cantando,
Unisonos, o cantico sagrado,
A' sombra dos perfumes que doirava
Do dia o estio; e de Levi os filhos
Sobre a turba elevando a grãl bosque

De cipprestes na areia movediça
Com cerpa a voz do povo acompanhavam
Do rei dos reis ao alto o ino erguendo;
E de pé, ante Deus, Moisés falava;
Face a face, envolvido em negra nuvem.

Senhor, não terei fim?.. elle dizia,
Onde quereis que ainda eu me conduza?
Serei pois, sempre só, e poderoso?
Dae-me o somno dormir, que dorme a terra!
Para ser vosso eleito, que serviços,
Senhor, vós hei prestado? Onde quizestes
Vosso povo guiei. Com os pés eil-o
Já a topar na terra prometida.

De vós a ele, assim um outro ocupe
De intermediario o meu lugar, e á furia
Do corsel de Israel reprima o impulso;
Ligar-lhe o meu livro, e a bronze vara!

Porque mister vos foi fazer murchassem
As minhas esperanças, não querendo
Deixar-me homem com minhas ignorancias?
Pois desde o monte Horeb ao Nebo inda
Não pude o sitio achar do meu jazigo?
Ai! entre os sabios, sabio me fizestes!
O meu dedo guiou do povo errante
A passagem; fiz cair chuva de fogo
Na cabeça dos reis, ha de o futuro
Minhas leis adorar ajoelhado;

Dos humanos sou orphaõs (?) o derradeiro

O mais vetusto que haja, e voz prophetica

Em minha voz a propria morte encontra!

Sou mui grande, meus pés estaõ pisados

Sobre as naçoẽs, e as geraçoẽs já cria

Já destroe minha raçaõ — ai poderoso,

Eu, meu Senhor, o sou, e desolado:

Dai-me o sono dormir, que dorme a terra!

Ai do ceo os segredos tambem todos

Conheço eu, e vos deste-me a força

De vossos olhos; eu à noite ordeno

Que lacere os seus veos; a minha boca

As estrelas contou pelo seu nome,

E quando o gesto meu do firmamento
As chamou cada uma pressurosa
Acudiu a dizer-me "Aqui me tendes!"
Ás nuvens pela fronte as mãos imponho
Para em seus flancos abafar a origem
Das trovoadas; sumo sob nuvens
De areias as cidades, e destruo
Com as azas dos ventos as montanhas;
Meu pé infatigavel é mais forte
Do que o espaço; o rio em altas ondas
Se afâsta ao meu passar, e a voz dos mares
Perante a minha voz logo emudece.
Quando soffre o meu povo ou leis precisa,
Elevo o meu olhar, ao vosso espirito
Vem visitar-me: oscillante, a terra,
Hesitante é o sol, e os vossos anjos
Não sem ciumes entre si me admiram;

Todavia feliz não sou, fizestes-me
Um vesho poderoso e ~~desditchoisito~~:
Dai-me o somno dormir, que dorme a terra!

'Ele nos é estranho!' se disseram
Os ~~homens~~ logo que ao pastor o vosso
Espirito o occupou; e então seus olhos
Se baixaram perante os meus de fogo,
Pois que . . . ai! acabaram de ver nelles
Mais que a minha alma! O amor vi extinguir-se,
A amisade murchar, e receosas
Do pensamento as virgens se vendavam:
Envolvendo-me, então, na escura columna
Na vanguarda de todos marchei triste,

Tão só na minha gloria, e no meu peito
Eu disse: Que querer presentemente?
P'ra dormir sobre um seio a minha fronte
Assaz pesada é, e a minha dextra
Na mão em que tocar o terror larga;
Na minha voz reside a tempestade,
Reside o raio junto á minha bocca;
Assim em vez d'amarem-me, eis que todos
Tremem e quando os braços abro, caem
Aos meus joelhos! O' Senhor, eu tenho
Vivido poderoso, e desolado,
Dai-me o sono dormir, que dorme a terra!

Ora o povo o esperava, e sem erguer o olhar
Como a temesse, orava, sem que ao monte

Zeloso do Senhor, olhos erguesse,
Porque, se tal fizesse, os negros flancos
Das nuvens rolariam repetindo
Da trovoada o estrepito, e cegando
O clarão dos relampagos a vista,
Enlearia as vis frontes reclinando-as
Por toda a parte!

~~Mas~~ Mas eis que de subito
Sem Moisés se avistou do monte o vertice!
Foi chorado!

Marchando para a Terra
Da Promissão Josué meditabundo,
E pallido avançava, visto que era
Então o eleito já do Omnipotente!

(Vigny)

Não é na minha glória [illegible]
[illegible] Sim, que [illegible]
E a dormir sobre [illegible]
[illegible] perde-lo, e [illegible]
Na noite em que te [illegible]
[illegible] a minha vez [illegible]
Pousada [illegible] junto à minha boca,
[illegible] vez d'amar-me, em que todos
Tremem erguendo os braços altos, como
Aos meus joelhos! [illegible]
[illegible] de [illegible]
[illegible] -me o sono dormir, que [illegible]

Ou o pouco e esperanças, [illegible]
Como a tivesse, ouvir, sem que [illegible]

Saudade

(Amor filial.)

Vôa, meu canto pela dor engido,
Que d'alto alivio me serás se o mundo,
Aos versos tristes, que te ouvir do triste,
Der uma lagrima!

Casa-te ao vento, e com o vento vôa!
Percorre o mundo despertando os ecos,
Desperta os ecos, soluçando tristes
Lugubres queixas.

Sem longe o berço paternal, cativos
De uma saudade, que contem mil dores,
Meus dias passam, gemo, choro, e peço
A paz do tumulo!

Ah vôa, vôa, meu cantar sentido!
Percorre o mundo despertando os ecos,
Desperta os ecos soluçando tristes
Tremulo, rouco!

Porem se o mundo já correste, volve
A' patria minha, e suspirando ensina,
Ensina os ecos dos jardins que digam
"Lá chora o misero!"

Congela o tempo ao nada pois mais cruel
Quem do sol passe nos jardim quem pode
Ouvindo os ecos, exclamar saudoso:
Lembra-me o filho!

Vôa, meu canto! e se vier a brisa
Taes sons nas azas para mim trazendo,
Sons tão meigos guardarei para sempre
D'alma no intimo!

Serão o orvalho para a flor da vida
Que, embora o fim nesta soledade a espere,
Murcha gostosa por murchar benquista,
Placida morra!

Cigarra do pai

Se, acaso, eu pai fosse
Quanto me era doce
Do bebés na posse
Com eles brincar!
Fazendo-me tolo
A cada um n'um rolo,
Jogavamos do colo
Colhi-os no ar!

Um só que eu tivesse
Ninguem me prendisse....
Que eu ia com esse
Pular a valer;
Brincava a appanhal-o,
Fugir-lhe, beijal-o,
Andava a cavallo
Com elle a correr!

Mesmo sendo fera
Leão, ou pantera,
Folgar eu quizera
Com filhinhos meus;
Ou ave mansinha
Se eu fosse, ou dorminha,
Faraz que caminha
Cortando esses ceos!

Portuguezes

(Amor patrio)

Introducção

Canto a gente briosa, esclarecida
De fama ... portugueza! — que inspirada
A praticar o bem, como escolhida
Para exemplo fecundo foi levada;
Por terra e mar guerreira, destemida,
A julgar quasi inutil, hoje, a espada;
E no labor em paz e liberdade
A ser claro farol da humanidade.

Não louvo, não, ações sanguinolentas
Dictadas por proposito inhumano,
Não são de portugues, essas cruentas
Contendas a capricho de um tirano;
Por mais que as ambições sejam sedentas,
Tem sempre a guerra aqui um fim humano,
Ou desafronta, ou mesmo um passo novo,
Que a alma enobrece engrandecendo o povo!

Mas a obra que a lusa humanidade
Ás fulgidas estrelas alevanta,
De crear um paiz, dar-lhe unidade
Independencia, augmento, força tanta,
Instrucção, são moral, e liberdade
Para ser como luz que a treva espanta,
Bem alto a aclamarei ufano e ousado;
Ouça-me este emisferio e o do outro lado!

Antes, porem, de alçar um tal empreza
Edificio com cupula ostentosa,
De genio, embora, traga a mente accesa
Te invoco, anjo de Deus, musa formosa,
Que não morra n'esta alma, que te presa,
Essa flamma divina, radiosa,
Mas, pois, que aspiras aos céos o meu intento,
Altêa, faze visto o monumento!

Ou se te agrada mais tu, anjo alado,
A quem devo o engenho e a poesia,
Desce do alto aqui, sê enviado
Por quem á Terra só anjos envia,
E n'esse claro som, puro, elevado,
Estilo, tão gentil, santa ousadia,
Da portugueza gente a historia conta,
Que grata aos céos as trevas amedronta.

É vós preclaro rei, condigno herdeiro
De avós cujas virtudes imitando
Do povo buscais ser mais um luzeiro
Dos maiores no solio venerando;
Que estremado serieis cavalleiro
Se necessario fosse, e batalhando
Á frente da nação que estima as glorias
Reverdecia os louros das victorias;

Vós, senhor, que a este povo, outras lusidas
Palmas sedes colher mais valiosas
Nas luctas do trabalho tão subidas
Que excedem as das lides bellicosas,
Pois se estas as nações fazem crescidas,
Aquellas florescentes e ditosas,
E só por dar mais terras a conquista
É um falso ouropel que engana a vista,

Aqui tendes — versos — parte sublime:
Dignai-vos de aceitar singelo canto;
Clamor de gloria ele é, que o ardor anime
De imitar os que o reino alçaram tanto,
Pois fria indifferença n'isto é crime
Dever amor sem premio illustre e santo;
E julgareis depois se, como espero,
Dei cumprimento ao muito que vos quero.

O Desterrado

(Amor patrio, nostalgico)

Eilo-o mar! Como em vagas se ergue irado
Em briga com o vento... oh lance duro!
A entumescer, qual serpe, o bojo impuro,
E leão a ulular, enfuriado!

De tão agra saudade fim seguro
A morte ali está — clama anciado
Em solitaria praia o Desterrado
Olhando, sem pavor, o quadro escuro.

Patria muito te amei — meu crime é esse!
Disse — e lançar-se vaõ da duna alem...
Mas inhibe-o a imagem que o endoidece

Da Terra onde nasceu... e o pranto cae;
"Patria! Se eu te visse... e lá morresse...
Feliz no seio teu morrer, oh maõ!

Amor à humanidade

Eu sicario não sou — o que espesinha
O fraco, o fere, ou mata — apache, fera!
Nunca infelizes fiz, mas sempre houvera
Pena de quem sofrer sorte mesquinha!

A miseros dei pão, dei o que tinha;
Amor?.. no seio meu quanto me dera
Quem premamente giro impos á esfera,
E faz cantar n'um ramo uma avesinha.

Amar irmãos não é empenho obscuro,
— Algemas não merçes — nem ingloria
Conducta é franqueza coração puro!

Minha bandeira é esta! Eu marcho á Gloria!
Abra-se a cova — sonde-se o futuro,
Appareça a luz — cante-se victoria!

O Czar da Russia

(Exemplo do mesmo afecto)

Quem ás nações propoz para um tratado
Reduzirem o bellico armamento?
Pois a guerras hostil, de paz sedento,
De sangue, dor, e luto, horrorisado?

Seria um sonhador, scismo, calado,
Um tibio sem vigor, nem sentimento?
Oh não! Mas vós, senhor, de medo isento,
Da Russia imperador, um potentado!

As guerras limitar a paz tentando
Propagar sobre a Terra... idéias santas,
Vosso nome de sóis aureolando!

Da gloria o dia já vos chama e canta!
Já imortal a vós, alto aclamando,
Em pé a humanidade se levanta!

Amor aos desvalidos.

Belisario, que apenas possuia
No Minho choça e eido, onde habitava,
Falecendo, mulher, filhos deixava
Sem o pão necessario em cada dia.

Nisto lei tutelar bem prescrevia
Inventario fazer... mas que se dava?
Por custas indo á praça a herança escrava,
Nada á indigencia coube, nada havia!

Lei tal não previu isso; e a sociedade
Que aprenda a cobrir bem com seu escudo,
A quem socôrro deva na verdade:

Promulgue-se outra após tendente estudo!
Porque esta, em vez de a mãe e á orfandade
Salvar o pouco haver, tirou-lhes tudo!

Amor á consciencia

Sofrer é lei, e bem não se concebe
Qual a origem do mal, que a dor nos gera!
Choras, homem? — Absorve o pranto, fera
Vem a borga a ruidar, de pronto o bebe!

O céu em bem as lagrimas recebe
O mundo, não, que ri, em face austera
Nellas a fina lamina tempera
Que no infeliz, depois, cruenta embebe!

Longa! — Um ser a mão dá com clemencia
A varios dos que imergem na desdita
Não vendo o sol, que a alguem doira a existencia,

E salvar-te-ha por certo a mão bendita,
Seguindo atento a voz da consciencia
Como vinda d'astral, plaga infinita.

Penedo da Saudade

(azilo de amores)

Lugar suave á mente, ao seio, aos olhos

A. F. Castilho

Penedo da Saudade, a ti me volvo
Na vida inda outra vez, outra vez volvem
A lira e o coração, quaes d'aqui foram!
Os mesmos sentimentos os afervora,
No coração amor, amor na lira,
Em ambos um volcão, ternura, extremos!

E tu o mesmo és, de novo escuto

Auras que em tua verde coma ondeiam,
Que anciosas de ouvir os sons d'ventura
Em murmurio frenetico se enroscam
No braço do trovador, no braço á lira!

E tu o mesmo és, sacro retiro,
Abrigo solitario, urna opulenta
De saudades da patria . . . as quaes aviva
Em jovens corações teu doce aspecto
E saudades do céu . . . Salve, retiro,
Consagrado ao pesar, salve mil vezes!
De novo commovido te dedico
No coração amor — amor na lira,
Em ambos um vulcão, ternura, extremos!

×

× ×

"Como conversa de amantes
Como os extasis da lira,

Assim murmura e suspira
A brisa aqui a passar!
Que meiga vista d'esmaltes!
Que amplo espaço se offerece!
E anceio á alma aparece
De desprender-se e voar!'

E tu o mesmo és, que outrora ouviste
Os suspiros, que em vão eu enviava
A' patria idolatrada, ao céo clemente,
Aos caros paes, e irmã — ai! — cujos nomes
Tanta vez escrevi estremecendo-os
Com verde pé de rosa em teu regaço!

E tu o mesmo és, que já me viste,
Sentado á tua beira, erguido o rosto,

Por noite de luar, a meia noite,
Teus nomes repetir, gemer chorando-os
Da terna lira na mais terna corda.

Lua, pois, que assististe a esses lances,
Nascidos da saudade que revive,
Que brando os mitigavas como perfumes,
Que em teu seio, a miude, a brisa colhe,
Ah! sê meu confidente n'este instante!
Compassivo me atende, os ais me escuta,
Enquanto os não recolhe avida tumba!

Ainda a rosea aurora d'este dia
Não mostrara no céu as vivas cores,
Mas inda pelo mundo ia esfolhando
A noite as soporiferas papoilas,

Eis que sonhando vi pallida a imagem
Do illustre Portugal, que o forte peito,
Que o braço de pelejas trabalhado,
A durezas, jamais, furtou da guerra,
A curvada a cerviz... astro brilhante
Dos céos da gloria subito apagado!

Será agouro o sonho? Em sonhos crê-se?
Como o sol, que ora desce ao oceano,
Ah dar-se-ha que a patria assim declina
Por céos de atra porcella? Ou como as nuvens
Que do oceano ao sol vão caminhando,
Virá assim surgindo ao seu encontro
Do horisonte politico o alcande?

Talvez meu Deus!

E é certo, que outro ainda

Dilacerante o seio me traspassa

Espinho pungitivo!

Sim, eu tinha
Constante leal amigo,
No meu sofrer meu abrigo
Socio meu no meu prazer;
Se chorava, elle chorava,
Se sorria elle sorria,
Um circulo de oiro unia
Meu viver ao seu viver.

Em noites claras, serenas,
Ele ia triste e sosinho
Trilhando rude caminho
Por entre abismos d'horror;
Depois na alta montanha
Para o ceu erguendo os braços

Aos estrelados espaços
Mandava canções d'amor!

N'outras noites, feias noites
Em que a luz do céo se esconde,
E que ao temporal responde
Mais rouco e horrido o mar,
Buscava a praia deserta
Trovava sobre um rochedo,
Como cisne, que sem medo,
Da morte expira a cantar.

Longo espaço nos separa...
Eis-me o calice da amargura...
Não o vejo! — a desventura
Preso me traz apos si;

Cego iracundo destino
Me arrasta aqui sem clemencia;
Já sinto fria a existencia:
— O luz, apaga-te aqui!

Penedo da Saudade! mas que idêas
Sombrias, melancolicas nos versos
Que inda vás a tremer...

Bem como vento
Que em chão de mortos passa minha lira
Assim foi triste agora, ou como arbusto
Que antes do sol nascer chorar parece!

Longe a tristeza vá, que os labios mostra

Com esponjas de fel, que os sons de festa
Os mais dignos de ti, cobriu de luctos!
E de jubilo o sol me doira o plectro,
Emquanto meu amor, em ti absorto,
A doce lira tange em honra tua!

\+
\+ \+

Como conversa d'amantes,
Como os extasis da lira,
Assim murmura e suspira
A brisa, aqui, a passar!
Que meiga vista de esmaltes!
Que amplo espaço se offerece!
E ancêio á alma apparece
De desprender-se e voar!

Espinhas e papoilas um manto
Que todo te acoberta!..

Ah foi meu erro
Cuidar que já te vira... e só a ele
A ele só hei visto!..

Ah se te eu vira!
O' gigante escondido... ah se te eu vira!..
Quão mais digno serás de ser olhado
Se ele, de quem és dono, seduz tanto!..
Que níveos has de ter herculeos hombros!
Que airoso corpo, varonil figura!
Pois teu corpo composto de suspiros...
Penedo da Saudade... eu não me engano...
— Ha largo tempo já que tens amores!

Por isso o tem dito, ao fim da tarde
— Hora d'amantes! — quando o sol se esconde

E a poesia se sente no horisonte...
Por vezes o tem dito, aqui, por muitos
Talvez ouvido um som, que não notaram
Que bem estranho ele é, que bem traduz...
Um som meigo, lascivo, que semelha,
Já o som de bulir de auras com folhas
— As murchas folhas, que dispára o outono —
Já o som de regato, que humedece
Novo sulco de arêa e de seixinhos...

Mas eil-o se ouve agora... eis que resurge...
Tambem parece... e muito! É certo — é certo!
Ou murmurio de beijos, que suspiram,
Ou suspiros de amantes, que se beijam!
Tambem parece... e muito! — É ella — é ella!
Da seda se ouve o ciciar suave!

O gigante escondido! ..

N'este instante
Um lado de teu verde manto ergueste,
Do palacio se abriu a porta escusa...
Entrou . . . e agora

ah louco, eis-te perdido!
A tua amante é furia, que te arranca
A alma e o coração, e os lança ao barathro!

Ella é furia! por Deus ah não lhe chames
Anjo, nimpha, mulher, luz de teus olhos,
Mas expulsa-a de ti, mas treme d'Ella!
E tu não me ouves, não? E tu sorriste...
Sorriste para ella, e a ti a enlaças?
— Como te invejo então! Some-te, ou morro!

Mas não, meu bom Amigo, eu me halucino!

Tu gigante não és — ao mundo o atesto!
O som, que escuto ainda, é voz do vento!
De teu amor não sei — menti, fui falso

Perdão, perdão! que sinto a mente em fogo!
Seduz-me este lugar, seduz-me estrela,
Que sobre ele irradia, que o florenta,
Que o genio meu escalda, e devaneio!

De teu amor não sei — menti, fui falso!
O som que escuto ainda, é vós do vento,
Que ora esbraveja debruçando cedros,
Ora bafeja baloiçando lirios!

x

x x

Como conversa d'amantes,
Como os extasis da lira,
Assim murmura e suspira
A brisa aqui a passar!
Que meiga vista dos esmaltes!
Que amplo espaço se offerece!
E anceio á alma apparece
De desprender-se e voar!

Ai como, ás vezes, passêam
Sobre ti nuvens doiradas!
Ai que aves enamoradas
A voz requebram de amor!
Como isto sugere á mente
Certo gesto lindo e brando,
A quem n'elle o retractando
Foi um poeta e pintor!

E como os lumes que á noite
Brotam no ceruleo manto,
Às vezes consolam tanto
O infelis que os vê lusir,
Assim ver-te, visitar-te
– Talvez por igual misterio, –
Verte doce refrigerio
Em quem saudades sentir.

E bem como incerto barco
Pelos ventos combatido,
Avista o porto querido
Recua, e vem a voltar,
Tambem teu mimoso aspecto
Por saudades agitado,
Longe este sitio encantado
Me anda no seio a boiar.

Ora então me lembro a serra
Que se ergue ao longe empolgante,
Tendo ao cimo a lua nascente
A mirarte ascencional;
Ora o limpido Mondego,
Que amenas margens adornam,
Onde as filhas d'ele entornam
Claras urnas de cristal.

E bem como aves celestes
Em jardins de etereas flores,
Cantam celestes amores
Sobre hastes côr de rubi,
Assim minh'alma escutando-as
Longe do val' por onde erra,
Eu volvendo um dia á Terra
Cantará poisada em ti!

Hade expor-vir Deus em trono
Formado de astros gigantes,
Sobre alfombra, em que brilhantes
Florões ha, vivos faróis;
E que o cercam belos seres
De vestidos constellados,
Tendo os semblantes banhados
Do clarão de tantos sóes!..

Sim dirá o que se ignora,
É debalde imaginal-o!
Qual é tentar sumir o abalo
Ao trovão, que retentou!
É pedir calor ao gêlo!
Retrocesso á desventura!
Claridade á noite escura!
Agua á fonte que seccou!

Emfim, amigo, reunes
Condições taes de beleza,
Que és por dom da natureza
De quem passeia estação;
E serás, infindos seculos,
O mais meigo dos retiros,
Para espandir com suspiros
Labores do coração.

A preciosa teatral

Amor falível

Grata aparição!.. imagem
Celeste... um anjo! Na alvura
Semilhante a plumagem
De nívea pomba, que a aragem
Faz tremer ingenua e pura!
Ó casta visão do Amor!
Eu um rude trovador
Ao ver-te assim, caio absorto,
Enlevado em teus fulgores,
Insensível, semi-morto,

Em deliquio c'os olores
Que rescendem essas flores
Do ramo que tens na mão;
Como te elevas do chão,
Como te vais realçando
Ao céo, que o céo vai-se abrindo
Para receber, meu lindo,
O teu gesto doce e brando,
E d'alma a serena luz
Que de teus olhos transluz!

No céo não haja uma estrela
Quebre o espelho toda a bela!
Suas jóias lance ao mar!
Tire a princesa vaidosa
O diadema e a rosa
Com zelo por te avistar!
Com despeito por te ver,
O gelo se veja arder!

O mar se encapella undoso
De reflectir-te ancioso,
Elle o espelho dos clarões
Que em si retrata as estrellas,
E as embala a todas ellas
No dorso dos vagalhões!
As aves cantam no ar
Festivas por te encontrar!

Assim comsigo fremente
Disse Augusto adolescente, . . .
Durante a scena final
De uma peça emocional,
Quando foi a vez primeira
Qual nova educanda freira
Ao teatro por seu mal!

E registou somnolento,
Horas tarde o, luzimento
Dessa noite de função, ;
Como a sua decepção,
Ao bello quadro encerrarse,
Vendo em trevas transformarse
O encanto da ilusão...

Nebulosa de Amor

A' hora da madrugada
Que inocente aparição,
Fronte de jóias toucada
Ramos florido na mão!

Então me surge defronte
Belo ser que me estremece,
E a segredar-me parece
Ouvir suspirar a fonte.

Romperam os céos n'um momento
Para um hymno festival,
Vem como ave que alimento
Busca a trinar pelo val!

As mãos na cinta sustidas,
Ou cruzando ao ramo os dedos,
Aos maritimos penedos
São quaes conchinhas unidas.

Os seus pés alabastrinos,
De unhas roseas, ele a andar,
São dois barcos pequeninos,
Fosse eu para elles o mar.

Se triste sou, tal doçura
De suas fallas distila,
Que n'alma um sol me rutila,
Quaes outros por noite escura.

E enleiado, se o inquieta
Deter-se longe dos céos,
Romeo lembra e Julieta
Prolongando em ternos adeus!

Como a brisa ameno cheiro
Capta em jardins e pomares,
Ao ondear do ramo os aves
Furtam-lhe aroma fagueiro.

Como do filhinho o rosto
Não cessa a mãe de mirar,
Em astros parece posto
De contínuo seu olhar.

Como as campinas decora
Com flores a primavera,
De vida um céo me fizera
Com tintas que inveja a aurora.

Elle é meu, meu doce enlevo
Como a perola é do mar,
Como da mocinhã o trevo,
Se folhas quatro lhe achar.

É da Trindade divina
A pomba, a graça celeste,
Sirio ao sul, Vesper a oeste
Dando luz de pedra fina.

É o sol, é a bonança
Apos tormenta a ulular,
O salva vidas que lança
Cabos a afflictos do mar.

D'alva côr, mãos, rosto e seio,
De céos de esmeralda os olhos,
Cofre — em suma — é que entre abrolhos
Depuzerão de prendas cheio.

Mas estrella desolada!
Criei-me eu esta visão,
Fronte de joias toucada,
Ramo florido na mão.

Sim criei para embalar-me
Na delicia deste harpejo,
E illudindo o meu desejo
Da sem ventura olvidar-me.

Do viajor cançado a borda
Da estrada — eis a sorte em mim!
Senta-se, adormece, acorda,
E o caminho não vê fim

Mas, se eu por anjos deliro,
E anjos não vem ao mundo,
A flor nivea, em céo profundo
Consagro amor n'um suspiro.

Ella é quem nos annuncia
Lucilante, matinal,
Que o sol a trazer o dia
Não tarda a vir pontual!

E d'ante auroras mimosas
Que clarão, com que fulgura!
Luz de festa ao sol tão pura,
Que aves cantam, abrem rosas.

Graças mil por teu albor,
Lirio branco, puro amor.

Juca, ciganinho.

(Amor precoce)

Juca escodar uma bella
Rosa colheu para dar,
A jovensinha que fosse
Como a que viã a sonhar;
N'isto encontra uma cigana
Com um pandeiro a tocar:
E diz-lhe: "Teu pandeirinho
Assim chame o meu anginho!"

Logo á janela desponta
Rosto ingenuo seductor;
Da jovensinha não era,
Não lhe fez brinde da flor,
Não, que a imagem certo estava
De vel-lhe sonhando amor:
E disse "Teu pandeirinho
Chame presto o meu anginho!"

Logo inocente menina
Ao seu balcão veio vêr,
Era um anjo, porem outro,
Porque à rosa oferecer?
Mas onde era a jovensinha,
Que ainda não a pôde vêr?
"Toca, toca o pandeirinho,
Já me tarda o meu anginho!"

Logo vai esbelta dama
Por junto d'ele a passar,
Tão junto, e tão deslumbrante
Que se sentiu fascinar,
De enlevado até a cresa
O astro do seu sonhar
E bradou "Bom padrinho
Atrae a mim este anginho".

Logo ela pára, e voltando-se
A sorrir lhe fala então:
"Dê-me a flor, — que lhe dou beijos
E que saborosos são!" —
Deu a rosa — eram tão meigos
Que disse, extincta a rasão:
"Este é este o meu anginho,
O boemio, obrigadinho.

Logo a dama leva a rosa,
Logo a cigana a cantar
Lá segue de rua em rua
Por toda a parte a dançar;
E Juca regressa a passo
De a quem buscava a flor dar:
Delirios de estudantinho,
Cedo Amor o fez ceguinho!

O mais que Amor deseja

Andam assiduamente, e sem saber onde ir
Um ser para encontrar o ser a quem se unir;
A perola, o tesoiro, o todo encantador,
Que já em sonhos viu, aquela humana flor,
Que ele, a dormir o beija, afaga, e lhe sorri
Casta como vestal, carminea como houri,
Suplicio atroz é tal, que evoca os fabulosos,
De Sisifo e Danaides sevos, temerosos!

Mas já extenuado após sedento andar
Escutal-a e falar-lhe, e ouvil-a — o seio a arfar —
Pudibunda gemer, confessar a final
Sentir em si anhelo em tudo ao d'elle igual,
No passeio, em jardim, por noite onde o fulgor
Dos astros surprehendesse esta scena d'amor,
É celica ventura, e o mais que Amor deseja
Uma pomba é caçar adentro de uma igreja!...

Canto d'Amor magoado

Chorão, debruçado, funebre,
Sobre aguas ramos pendentes,
A' dor acurvado, sentes
Obumbrar-te fado lugubre!

Expressas estado d'alma
De um ser sem fim a penar,

Que a ancia, em que vive, acalma
Só junto d'agua a chorar!

Tambem eu soffro! Pranteio,
Reclusida á soledade,
Um ser, de quem a saudade
Guarda o retrato em meu seio...

Cumpres pena de engeitado
Como eu ao vel-o embarcar...
E um adeus angustiado
Trocar-mos, lenços a acenar!

Partiu! clamei! dei um grito
D'alma o mais alto que pude,
Como, se assim, peito rudo
De lucto enchesse o infinito!

E foi — sonhando um tesoiro
Para o conseguir, luctar;
Mas que valem barras d'oiro
De corações bons a par?

Chorão, debruçado, funebre,
Sobre agua ramos pendentes,
Tambem sinto, como sentes
Obumbrar-te o fado lugubre!

O sol do Amor

Papagaio palrador
Junto á janella d'Armia,
Entre mais coisas dizia:
"Olha, nasce o sol do Amor!"

Lirio de magico alvor
Pura estrella, que era ella,
Vir aviston ella janella
Rosa no frak — um senhor...

Dando-lh'a elle — a primor
Montado em cavallo baio,
Palrou logo o papagaio:
"Olha, nasce o sol do Amor!"

"Adeus — lhe diz — linda flor"
Saudoso já de quem ama...,
Mais o papagaio clama:
"Olha, nasce o sol do Amor!"

Amores de Luna

Vi-a prostrada, abatida,
Como estatua derrubada
Ante columna inclinada,
Sobre a qual esteve erguida. . .

E pensei quão varia sorte
Domina tudo o que encerra
No ventre materno a terra,
Que nos dá vida, e dá morte.

Disse-lhe: "Tu que és menina
Com graças de tua edade,
Captaste a franca amisade
De todos, flor purpurina,

Mulher hoje, a magoas cedo
Succumbindo em lances tristes,
Como se o mundo, em que existes,
Fosse um misero degredo;

Causas dó! — Ergue-te leve
Meu de innocencias tesoiro,
Desvia o cabello de oiro
Do rosto, e as penas descreve."

Ella, então, que inda suspira
Levanta o celeste busto,
E do imo peito a custo
Esta simples fala tira:

De genio aereo, insensato,
Deixei meu cofrinho aberto,
E furtaram-me de Alberto
O pequenino retrato!

Isto disse, e logo chega
Com ele preso no bico,
(Olhem bem que demonico!)
A passo de anjo, uma pega!

Ema o vê, e surge pronta,
Lança-lhe a mão anciosa,
Chega-lhe os labios de rosa,
E o que lhe fez. . . não se conta.

Nota

D'isto lição colher quadra
Sobre amor a toda bela,
Com pega e escrinio cautela!
Fechem-o bem de astuta ladra.

Cãozinho vingador

Amor mutilado.

Julia afagava os regaços
Do cãozinho o corpo lasso,
De coleira azul com laço
Que lhe ficava a matar,
Quando já á vista minha
Quem, conversando, a entretinha,
De esporada, que virgem tinha,
De esporas um militar.

Era Adolfo, um belo alferes,
Que em requesta de mulheres
A dos folhas malmequeres
Precatára todo um val;
Contra Julia vem irado
Por ter com outro dançado
No pomposo baile dado
Em falado festival.

Chama-a falsa á innocente!
Mas vingando-a incontinente,
O cãozinho em fúria ardente
Ladra a investil-o, e fugir;
C'os dentes risca-lhe a espada,
Em arremettida ousada,
E, ligeiro volta á dada,
Rompe de novo a latir.

Julia viu... e Adolfo quando
A viu rir, desconfiando,
Cala-se, vai recuando
Cortejou-a, fez-se andar;
E Julia acolhe ao regaço,
Do cãozinho o corpo lasso,
De coleira azul com laço,
Que lhe ficava a matar!

Retrato de Paulina

(Amor surpreso)

Com tal pureza a Paulina
Votara amor Deodato,
Que via d'ella o retrato
Até na hostia divina!

Mas Paulina a outro amava,
Elle a outra pois, se dera,
Que o matou, como megera,
Com horas más, que lhe dava!

E quando a hostia divina
Foi levada a Diodato,
Quasi a expirar, o retrato
N'ella inda viu de Paulina.

Suplico!

(Gorgeio d'Amor)

„Não calas mais com pejo
De mostrar o que desejo....“
Se tão galante, que almejo
Poisado ver n'um altar,
Sobre estôfo, em rica taça,
Para onde romagem faça
Peregrino de cabaça
Bordão, contas a rezar!

Supplico . . . . a meia descalça!
Que o pé em o estro exalça,
E amor succede, e realça
No mundo a idéia gentil!
Tambem, na sua nudeza,
Flor singular tem beleza,
Se não rainha, é princeza
Esbelta, airosa, gentil.

Clarice

(Nome d'Amor)

Inda o mar eu não vira, e o gigante
Em seu motu continuo avistei,
Fluctuando ia á praia anhelante
Amiude, a abraçal-a, notei.

Era glauco, a fremir, empolado
De alva espuma e solar esplendor
Prata e oiro enrolando agitado
Como avaro captivo d'amor.

D'isto a idéia nasceu-me engenhosa
De um só nome na praia deixar
Onde a agua acorrendo anciosa
O viesse cingir e beijar.

Mal Clarice eu expresso na areia
Em tropel já as ondas lá veem . . .
Mas romagem bailante sopêa
Logo o nome da branca cecem.

Vou em ponto da praia mais alto
Sobre o mar esse termo escrever,
E dou beijos na escripta, e me exalto
Embebido no encanto de o ver.

Grande Deus! Dessa duna doirada
Lá m'o furta instantaneo tufão!
Mas Clarice me segue, e me brada:
"Grava-o, antes, em teu coração!"

Sim, gravei-o, onde a imagem formosa
Sua veiu sorrir-me, e cantar,
N'esta alma d'amor anciosa,
Como a agua intranquila, do mar

O castello com estrellas

Amor nos olhos de Alzira.

Já de noite — cavaleiro,
Para onde vás, galopando?

Vou subir aquelle outeiro,
Ver se o castello fronteiro
Vem estrelas pousando . . .

Lembrado de esporas finas,
Salta o corsel anhelante!

Leva revoltas as crinas;
Sae-lhe fumo das narinas
Na calçada faiscante!

Chega o cavalleiro arfando
Ao castelo, e ver admira...

Á janela scintillando,
Sonhadores, vagueando
De amor os olhos de Alzira.

Casinha na floresta

(Ninho de Amor)

Não sei meu coração o que adivinha...
O que me diz febril, audaz, batendo...
Será que alguem censura o que emprehendo...
As obras que com Tulia ideado tinha?

Um dos projectos é uma casinha...
De verde lago ao pé, n'elle se vendo,
Occulta em ermo bosque, e no alto havendo
De alcandoradas pombas branca pinha.

Mas que! murmurar... não; nem já admiro
Se exalte o coração, pois lida em festa,
Antegostando o bem, porque suspiro...

(A casinha metida na floresta)
Para viver com Tulia só n'um retiro
Que a dita dos que Amor enlaça, é esta!

Amor e inocencias.

Com tecto, aonde luz tanta safira
Paredes com rubis, jasmins á entrada,
Altar de seda, e cravos, iriada,
A capelinha, em gala, Abril respira.

Já ao longe tirados por carneiros
Vem os coches, serenos, sem abalos,
E assas pequenos jockeis dão estalos
Com chicotes nos mansos andadeiros.

São carros grandes conchas neptuninas,
Tudo o mais a encurvar seda e brilhantes,
Rodas, ao parecer, flores girantes,
Topes d'oiro incendiando as lanças finas:

E os carneiros tão alvos, como arminhos,
Os chifres como os cascos tem doirados,
Freios de prata ao sol, vindo animados
Qual bando a chilrear de passarinhos.

Gentis creanças trazem que anelantes,
Já se dispoem sair: para o cortejo:
Cada uma à capelinha lança um beijo,
E n'ela todas entram delirantes!

Erecto sobre o altar fulvo menino
A par do arder de pedras e de lumes
Canto infantil se alteia entre perfumes,
E vibra oiro no ar o signo sino..

Dois bebés — fina dama e cavalheiro —
Paranimphos, nas mãos duas pombas tendo,
Com fio de cores as foi prendendo
De alto gorro, petiz casamenteiro.

É findo o himeneo! Tudo dispersa
Em risos, correrias, debandadas,
E aos coches dado assalto ~~em~~ revoadas,
É de erma a capelinha em dor submersa

As creanças então graça era vel-as
Com os noivos ao toque de pandeiros
Mavioso adeus dizerem, que os carneiros
Volvem levando os carros com estrellas!

Depois tais avesinhas viajoras
Até finda a excursão ledas cantando,

Partiram aos carmins vivas dando,
Libertas a abalar rancho de auroras!

E com tecto onde luz tanta safira,
Paredes com rubis, jasmins á entrada,
Altar de seda e cravos, iriada;
Deserta a capelinha inda suspira.

Amor ideal

Horror vive captivo e sofocado,
Qual por abutre vindo de ima altura!
D'amar será castigo? A' formosura
Culto de amor render... não é pecado.

Belezas... meus delírios, que hei sonhado,
Contra a vida real são me ventura,
Dando a cada sofrer a colgadura
Do meu céo ideal, todo estrelado!

Taes sonhos a correr puros e belos,
As cidades, palacios, e castelos
Tezoiros, soes no azul, tudo a brilhar,

Quaes abutres tambem abafam dores.
Esquecer fazem penas, mundo, horrores.
Vendo belezas mais quem mais sonhar.

Amores na Terra

Dedicada a Berta B. V.

Como em eixo a girar — de ignea materia
De si destaca o sol um globo ardente,
Ao qual lei de atracção lhe não consente
Andar sem curvas dar á marcha eterna,
E orbita a seguir em vão profundo
Eis um planeta nado — a Terra — um mundo!

Em volta o lume extinto — faz-se a crosta
Porem adentro oculto em linguas pula

Com sismico fragor, inerte gela
Em prontos fustigando a casca adusta,
E sem luz propria a face nua e fria
Só a que vem dos astros a alumia

Quanto ao alcance tem a si chamando
Por atracções no andar vertiginoso,
Em solo a fecundar, de vida ancioso
O que se lhe adheria foi transformando;
E tal como é de sons composto um hino
Eis de atomos formado alto destino!

Ou força da materia, ou ente oculto,
Que germe lance á Terra em andamento,
Dá que nasçam então — feliz momento!
Vegetaes e animaes como em tumulto,
Que ao mundo fazem de tapete, ou manto
Aparecido como por encanto!

Que envaidecida é da colgadura
A Terra pelo sol — d'oiro banhada!
Com fontes, rios, mares — prateada!
Prados, selvas — castelos de verdura!
Assim vai ante esferas fulgurantes
Esmeralda gentil entre brilhantes!

Vai, sim, do sol a filha esbelta e amada!
Palco de Graças, eden de Venturas!
Ressoando a cantar, pelas alturas
A natureza viva em si creada,
Que, assiduo, se renova por latente
Amor, que és — vivo em Deus eternamente.

Reproduz-se, Berta,
Portanto o viver,
Ou se a morte é certa,
Certo é renascer!

A ação creadora
Na especie a actuar,
Volve-se em aurora
Berços a embalar.

Ah da cinza vinda
De um ser, que existiu,
No mundo outro ainda
Formado surgiu!

Sem fim é, pois, Berta,
Na Terra o viver,
Ou, se a morte é certa,
Certo é renascer.

Sim, norma seguida
Pela creação,
Traz eterna lida
Em circulação

Ordens mil diversas
O vem demonstrar
Com provas dispersas
Por céos, terra e mar.

D'esta arte a mareta
Na penha a bater,
Resalta inquieta,
Dispersa a volver.

As aguas do rio
Que vão para o mar,
Em vapor sombrio,
Regressam no ar.

Os bois com a lida
Que voltas não dão!

O sangue — e a seiva —
Mundos na amplidão!

Assim morte e vida,
D'acordo a girar,
Cada uma na lida
Que lhe respeitar;

São da natureza
Dom reproductor,
De botões — beleza
De rosas d'amor.

Morrer é pois, Berta,
Qual somno ir dormir,
De que se desperta
Creança a vagir!

E visto haver em Deus amor constante
Essa ventura basta, que elle é vida,
Para a especie humana comprehendida
D'esse afecto na ação vitalisante,
Ser fecunda, perene geradora
Dos entes, que a entretem em plena aurora!

Que d'elles sem tomada ser a essencia
Assiduamente á mãe, de que procede,
Qual sem alento (+ a luz) morrer succede
Fosse-lhe de uma vez toda a existencia!
E sem seres o mundo a idéia clara
Que em seu logar um tumulo marchara!

Amemos! pois de Deus é vindo o exemplo,
Quaes na morte avesinhas não scismando
Vivazes a trinar! Ergamos dando
A quem o amor creou no peito um templo,

Felizes na ignorancia de quem sente
O coração bater terno e inocente!

Bem andam n'isto as pombas que no cimo
De tua casa, Berta, se alcandoram,
Onde brancas juntando-se decoram
O coruchéo com seu plumoso mimo;
Tenrinhos nos beirais, e é seu folguedo
Irem beijar-se, aos bandos, no arvoredo.

Por toda a parte amor respira a esfera!
Toda a animalidade ama e procria!
Porque poder occulto os seres guia
A unirem-se como á pedra a hera;
E assim a Terra vai na immensidade
Dos céos levando Amor em liberdade!

Vai, sim, da sol a filha esbelta e amada!

Palco de Graças, éden de Venturas!
Resoando a cantar, pelas alturas,
A natureza viva em si creada,
Que assiduo se renova por latente
Amor, que é vivo em Deus eternamente.

João, sonhador

(Amor no azul)

John-a-dreams:
Hamlet, act II sc. II

A lira a sobraçar com ledos ares,
Quimerico, idealista, e sorridente,
Eis João, sonhador!
Só feliz a sonhar, fixando a mente
Lá no alto, em desdem de terra e mares,
Diz em delirio:
Amor!

Da existencia a todos os instantes,
Anceio alar-me ao ceo,
E as estrellas beijar letras brilhantes,
Por Deus, do nome teu.

Correr em tua busca, o ceu formoso
Junto aos astros voar,
E nesse vacuo imenso, calmo, e airoso,
Ó bella, eu encontrar

A ti que Deus creara tão galante,
Envolta em esplendor,
E olhares-me a brilhar, sol deslumbrante
De luz, graças, e amor;

E logo eu exclamar " Não és mentira!
Phantasia não és,
Mas a virgem, que busco eu e a lyra
Com febril avidez;

E, então, ver que te afflue almo sorriso,
Que me fallas então,
E que tem certo em ti o paraiso
Meu pobre coração:

Tudo isso aglomerado . . . eil-o o thesoiro
Que mais posso anhelar;
Mas já teus niveos, sólpo, e tranças de oiro,
Descendem a voar! . .

×
× ×

Poisaste! Vens visitar-me
Baixando do patrio céo,
No infortunio a confortar-me,
Sorrir-me atraz de teu véo!

Bendita, virgem, bendita,
Que uma bondade infinita
Á graça alias gentil!
E vens, de mim condoida,
Trazer-me ao ermo da vida
Ridente, florido abril!

Mas eis-te, enfim, desvendada!
Que vejo? Um ser divinal!
Como serás invejada
Da beleza terreal!
Que nem princeza, ou rainha,
Nem modista donzelinha
A ti se pode egualar!
Mais que todas pura e bela,
Vôaste de alguma estrela
Ser meu anjo tutelar!

Vou contigo, minha guia,
Que influxo tem me conduz,

Que te quero como ao dia
O vegetal, que ama a luz;
Sem luz como ele definha,
Como implume passarinho
Com fome á falta dos pais;
Ou, como os pais, que iludidos.
N'uma gaiola, insofridos,
Se agitam, piam seus ais!

Amo-te! Nem há na Terra
Qual o meu anhelo assim,
Desde as agruras da sorte
Ao mais ameno jardim:
Já viste arbusto com flores
De viço e luz com fulgores
Nas gôtas, que a Alva deu?
Amor puro, é assim lindo!
É como um astro fulgindo!
Ou, antes, é como um céu!

É um céu, a que faltavam
Tintas que, assim, só as vi,
Porque as nuvens que o toldavam,
Negros véos, fogem de ti;
Vê-as! e nesse momento,
Bem como a aza do vento
Que sobre a pira passou,
Teus olhos mais o inflamaram,
As cores de íris brilharam,
Todo de em templo se ornou!

Todo em templo! Bem fadado
Quem n'elle altar te erigir,
E de teu seio estrellado
Hostias puras consumir!
Quem, rosa, o aroma te aspira,
E sofrego afina a lira
Por tua argentina voz!
Que ama o que amas, ou que amaste,
Que, mal viste florentaste,
Como ao chão teu pé veloz!

Veloz, ... mas paras! por certo
Vendo alem eden em flor...
Suspeito ... que a nós aberto
E vedado a alheio amor,

Com palacio ... ao sol poente,
Que espectaculo imponente!
Cede á lua os torreões!
Dois leões guardam a entrada;
Que jubas, - celeste arcada -
São magnificos leões!

x

x x

Elles nos viram já, já vem buscar-nos,
Prostraram-se no chão, no chão se arrastam

Lambendo-nos os pés, dando seu culto
As mais bellas das bellas — seus escravos!

Agora d'almas puras nobre encerro
Vôa, pomba de Deus, ao eden vôa!

De delicias sedentos — eia — entremos
No palacio d'oriz com portas d'oiro!

Que vista encantadora, e claro cantico
Ao nosso ingresso aqui! Subamos juntos
A escada com topasios, sobre a alfombra
Diamantes em chuva rebrilhando!
— Oh magicas bellezas! Juntos vamos
Do que vemos fruindo nossas almas
Em uma refundidas — uma sendo!

Pelos vitraes da entrada na espaçosa
Cupula com safiras cravejada,
O desmaiado albor da luz passa,
Feerico inundando quadros, flores,
Plantas ornamentaes, estatuas, flamulas,
Candelabros espelhos — tudo um sonho!

x

x x

Como pregões do bem, como estandartes
Que flor do sentimento e amor aclamem,
Pendentes reposteiros vivos fingem,
Em bordados painéis, tocantes scenas . . .
N'este se encontra Silvia, a pastorinha
Que Tasso nos faz vêr chorando Aminto,
Por feras massacrado! O quanto a punge

No rosto se lhe estampa! As mãos comprime;
Os braços ergue aos astros implorando
Alivio em tanta dôr... tão fundo golpe!
Ella a si o imputa... crê-se a causa
Indirecta do transe... ah pobre! ah misera!
Innocente, gentil, e clara açucena,
Socega!.. Elle inda vive, Aminto vive
E vive para amar-te!

Alem o avista!
Já ella se transforma — outra parece
Já nos olhos as lagrimas se apagam,
A elles volta o brilho, ás faces volve
A bella viva côr... julga-se prinço
De illusoria visão, fricciona as palpebras;
Mas Aminto lhe falla, e mal o escuta
Não tem que hesitar já, já corresponde
As brandas expressões com outras brandas,
Mais docil, mais benigna, emfim, acolhe
Os desvelos tão d'elle, — d'elle os votos,

E decide ser sua, como ó virgem,
Decidiste ser minha, e vir a amar-me
N'este eden venturoso entre delicias
Phenomenaes, estranhas!

Bella, entremos

No formoso recinto, onde imagino
Da natureza e da arte ha as mais gratas,
Supremas, deslumbrantes maravilhas.

*

* *

Oh que explendor, que luxo, oh pompa enorme!
Que espectaculo aqui nos electrisa!
Olha por toda a parte rutilantes
Os floridos salões com fundos tectos.

Nos brocados, tapetes e abobadas
Esmeraldas, rubis, brilhantes, perolas!
Por astros — do infinito a bella corte,
De homenagem a ti, por teu respeito,
Tantas pedras em fogo ardendo doidas!
E do alto pendentes scintillando
Com joalharia os lustres, que em mil braços
Por mil bicos formosa luz difundem
Um festival immenso alumiando!

Francas á noite calma — á lua — ás auras
As sacadas que o parke senhoriam,
A cumulo de galas outras galas
De remotos jardins, subia, mandando
E com doce palor banhando o espaço
Occulta divindade côros rege,
De rosas e luar enchendo as salas!

Na parede entre as gemas do brocado
Loiro anjo, prendendo um fio d'oiro
Das madeixas tirado — iguaes ás tuas —
A formular finezas lá bordara,
Nossos nomes, que amigo entrelaçando,
Agora com turibulo os perfuma!

Eil-os aqui os flacidos assentos,
As cortinas, as colchas, os estofos
Onde a matiz bordados, prata, ou oiro,
Mirabolantes bandos apparecem
De aves buxusosas, de zagaes bailando!
Quaes figuram no arem belas captivas,
Pictorescas marinhas, jogos d'agua,
Cortejos triumphaes, pugnas d'atletas,

Quaes batalhas de flores, qual ainda
Um gamo e uma corça em lucta ardente
Folgando juvenis, brigando amigos;
Ella triumpha aqui — alli não póde!
Esquiva-se ligeira, e volve aos pulos,
Coleando tão engraçada, que estremecem
Com murmurios as selvas, e palpitam
As estrellas de puro amor aos beijos!

Do bello oriente já salas e tonecas,
Que tão gabadas são, geram surpresas;
E os cristallinos, limpidos, espelhos,
Projectando entre si vivos reflexos,
Salões, lumes, e pompas multiplicam,
O entendimento e os olhos enfeitiçam!

Olha as imagens, tipos de belleza!

Marmores, bronzes, geniaes prodigios!
Vasos suspensos embalando flores!
Argenteas urnas desprendendo aromas!
Trophéos, pendões, abertos tremulando!
Columnas, palmeas, copos – um thesoiro!

De elegancias primor, d'arte em caprichos,
Com graça é a mobilia que em feitios,
Com metaes, pedrarias, sedas, cores,
Perolas e corais, ou diz o brilho,
Que na amplidão do céo, soltas as tranças
Nas nuvens pelo ar voando deixas;
Ou a idéia dá das variadas
Recendentes florinhas, que imagino,
Primavera d'alem, talvez, tu sendo,
Na região de luz, lá onde habitas,
Com halitos d'amor pura bafejas!

*

* *

Agora mesmo celere uma nuvem
Qual d'oiro em pó condensa entra as sacadas!
O que haverá?

São seres bemfazejos,
Esbeltos, immortaes com diademas,
Fulgurações sidereas, coroas, palmas,
O palacio invadindo todo a um tempo!

De alabastrinas carnes, niveas azas,
Com os pés nos tapetes preciosos,

Recordam n'um jardim nuvem de pombas,
Poisada nos canteiros coloridos,
Ou no valle esmaltado, em primavera,
Castas, puras, alvissimas boninas!

Um d'elles lança mão de uma bandeira,
E em volta a congregarem-se os mais correm;
Caminham para nós, um hymno entoam
Animados marchando scintilantes,
Já param a saudar-nos, já te acclamam
Das ~~formosas rainha~~ alçando as palmas,
Coroas te offerecem, lançam petalas,
Occultam-te o vestido, e emfim dispersos
Tecem vistosas danças, que prolongam,
Volvendo a terra em ceo!

Movel, esplendido,
Fazendo a alma ancear de santo jubilo

Ardente turbilhão não deixa as salas!

×
× ×

Estranhas sensações, deslumbramentos,
Com graças e belezas taes e tantas,
Aureas algemas lançam invisiveis,
Prendendo-nos aqui, mal se respira!

Á mente extenuada, ao corpo exhausto
Nos espaldares tumidos, que noto,
Reparador descanço eu acharia,
Mas quanto a idéia agita, e agora as telas
De primorosos mestres, nos sentidos
Inda mais actuando o somno espantam.

Pois esta o que nos diz?

Mostra-nos Hercules

O valente da lenda, o heroe da força,

Que os olhos seus nos fixa, e quasi assombra!

Real como parece! Quanto illudes!

Que arrojado pincel ousou sua imagem

Para a tela extrahir de edade obscura,

Novo trabalho, maravilha nova

Desta nossa ignorados memorando?

Da alta montanha extrahe ingente bloco,

Que ao deslocar-se abala as penhas proximas,

E lá do cimo o impelle.

Bem parece

Ir agora agora a girar... cair batendo
Do alcantil com fragor em fundo abismo!

Caë de chofre, e um leão formoso alcança
Com que o esforço seu cruel proclama!

Mas quanto mais amor intimo pode
Que a maior força elle é...

Leoa em uivos,
A quem o leite lhe dera — mãe — tuas queixas —
Vendo sob o bloco o filho exangue,
Em lancinantes gritos expelira —
Que apiedado o céo, já se restauram
O tronco e extremidades — oh prodigio!
E por alta hidrostatica resurge
De manso a circular purpureo alento!

Agita-se este, emfim, de prompto o corpo
Revolve-se, forceja, a rocha oscilla,
E volta-se a seguir deixando erguer-se
Já livre para amor, d'amor inquieto,
O mais fulvo, mais valido, mais guapo,
Leão, que os bosques libicos habita!

E aquelle quadro alem, como eloquente
A duros peitos é!..
Virgem mimosa
Sobre sagrado enlace... opõe repulsas,
Do proprio seio á voz negando ouvidos!

Mas ella é toda graça, e puro encanto
Repelir a razão sempre não póde;
Aos laços que amor arma, emfim, se obriga,
E já rendida, placida, supporta
De larangeira em flor na fronte a corôa!

E telas tantas mais — exemplo todas
De sugestivo amar...

Mas nota a sala
Aonde de florões doce emergindo
Na mesa a magica luz em serpentinas,
Com os cristaes, comidas, taças, liquidos,
Baixella a scintillar, iriados vasos,
Forma como um festim, ou uma aurora,
Igual a amor que em ais se abre no prisma
D'esta alma sempre tua!

×

× ×

Agora attenta

No parque, jardins, lago, que é bem dia;
Já terno rouxinol em sons mimosos,
Um magoado adeus, dissera á lua!
Já pipilantes outros passarinhos
Do dia ao claro abrir cantaram ledos;
E já o sol bendito em igneas flechas,
Com que as brumas ultimas batera,
Tesoiros d'oiro e rosas arremessa!

Das abertas sacadas, pois, vejamos
Alamedas em flôr, passeios, grutas
Estatuas nos jardins, arcos, bandeiras,
Casas de fresco, assentos, grottas sombrias.
Marchetadas de sol por fios d'oiro!
Em bandos delicadas borboletas
De desenhos gentis, cores, esmaltes,
E amiudadas fontes, que a chorarem
Por escondidos veios regam flores.

De cores variadas ageis peixes
Por cima de alvos busios n'agua em taças!
Cascatas collossaes, e altos repuxos
Que a agua ao ar alçando os jactos cruzam!
Tudo a nutrir o lago extenso e airoso,
De sereias e auraucarias circundado,
Onde se banham cisnes, e fluctuante
Presa espera por nós a inflada vela!

E mais prisões da vista — nota os ninhos
De velo alvo de arminho em floreo ramo,
— Gracis, debeis festões, que a branda aragem
Fragrancias a colher beija e baloiça!
Varias nas formas, nitidas nas tintas,
Variegadas aves sobre arbustos
Pennas, caudas, matizes assoalhando!
E as loucas trepadeiras nas paredes,
Alegres de floridas, como a rirem
Prendendo rubras plumas, cachos d'oiro

A's gradis dos balcões!

Uma avesinha

Sobre um cacho poisada, o paraiso

Denuncia aqui ser, cantando:

O' noivos!

Sabei que a estancia da ventura é esta!

Sabei que a hora do himeneo é vinda!"

E' vinda! — assim o afirma um coro angelico,

Aereo, que de subito aparece

Em circulos brilhantes semeando

Sons e flores no espaço...

E' vinda — é vinda!

x

x x

Alva corôa no ar vem descendo
E com graça em tua fronte poisou,
Como pomba, que aos filhos volvendo
Sobre o ninho, serena, baixou!

Trajes niveo vestido, e fulgente
Como gelo que o sol reflectiu;
Rosa branca, alvejando esplendente,
Tão mimosa jamais se inda viu!

Com grinaldas de vividas flores
Loiro anjo, a sorrir, nos prendeu,

Mais ao seio se enroscam amores,
Mais o coro celebra himeneo!

Deste enlace já sinto em meu peito,
Onde é vindo por teu doce olhar
Qual d'abrir de mil flores o efeito,
De mil lumes um como brilhar

Qual o cisne, que em lida encantada
Longo espaço girou sem comer,
Só cuidando de raza, emplumada,
Ver as per'las do lago a correr;

Tal, meu anjo, aqui onde deliro
Toda a enlevos nossa alma se abriu,
Cuido o tempo, que foge, um suspiro,
Que de uma harpa em descanço partiu!

Nossas horas serão deleitosas!
Grata a vida em transportes se esvai!
Esvoaçando por plainos de rosas
A beijal-as se exhale n'um ai!

Mas o amor é de eternos lampejos,
Feito Deus, é um sol, vem-nos dar
A existencia o calor de seus beijos,
A nossa alma de luz toda um mar.

O cascatas as vividas cores
De esse sol á deste edem sem véo,
Para nós via infinda entre flores,
Se abre aqui — começa por um céo!

*
* *

Ouvindo isto a bella
Sorriu-se.... e voou,
Dos céos era ella
Do mundo abalou.

Em nuvem doirada
Por seu esplendor,
Feliz, reclinada
A imagem do Amor,

Sobre a Terra e mares
Constante a subir,

Lá deixa nos ares
A senda a luzir.

E sempre subindo,
E sempre a brilhar,
Seu curso seguindo
Se esconde a voar!

\+

\+ \+

João que isto sonhava, n'isto via
Todo o bem, em que crera, aniquilado!
Pois que celestial
Já essa virgem pura se sumia
Na pátria, onde o seu nome constelado.
Refulgia immortal!

Depois — como a ambição fascinadora
Do anhelado tesoiro, inda abrigasse
Com intensivo ardor;
E como, se uma estrella redemptora,
Um raio lhe mandara, que o guiasse
Em processos d'amor;

Sorriu fiel, a ideias tão suaves...
E ella e lira em brumas se occultavam...
Mas varrendo-as o sul,
Houve quem visse, então, duas brancas aves,
Que, loucas a cantar, foram, voaram
Prender Amor no azul!

Epilogo

Não quer mãe a filho com tanto carinho
Como a este livro queria o velhinho
Pois lêl-o evocava-lhe a grata fragrancia
Saudosa, de versos floridos na infancia;
D'outros, quando joven, mas que inda ia amando
Gravados nos troncos de umbroso amando,
E de secretos beijos que então lhe a mãi dando
Depois, já sem ella, sonhava chorando!

Valia-lhe o livro, pois era um sacrario
D'amor, mais que o oiro de arquimillionario
Por isso no seio fremente o abrigava
Qual monge reliquias trazendo occultava.
Até que ao ser proximo o ultimo dia
Deu-lhe uma redoma — tão puro o queria!
Está n'um altar, entre jarras e essencias
D'amores e flores contando inocencias.

Notas

A pag. 8 Alcaçar moiro — o melhor! Por ser o mais solido que viram terras d'Espanha, ao contrario d'outros como o de Granada mandado reparar amiude em consequencia de successivos derrocados.

Emquanto descaem fragmentados — o de Sevilha mantinha-se desafiando a ira dos tempos atravez dos seculos.

A pag. 13 Rainha Santa

Santa no dizer do clero e do povo.

A pag. 53 Portuguezes D. Pedro 5.º De espirito modesto, varonil, intellectual, fez conceber á imaginação d'um rapaz uma epopêa á antiga. Esta a introducção. É só o que apresenta porque o poema sem desenvolvimento apenas esboçado nas linhas geraes como o pensamento do rei esvaiu-se como um sonho!

Pag. 65 Francisco Hugo diz: Jeannot verseur impuissant pour ma propre cause

Guizot: Jeannot verseur mal impregné de lec[illegible]

17178

(fecondité de má causa)

D'a D. Luiz de Bragança nega-lhe interpretação pas-

Por sando em claro.

Qua Quid inde?

Al O meu João sonhador esse sim

Du Só feliz a sonhar, fixando a mente

Ea Lá no alto, um dealmo de terra e mares

D' É um gigante!

Indice.

Proemio	1	Nebulose de Amor	91
Rosal andaluz	3	Joao ceguinho	97
Rainha Santa	13	O mais que Amor deseja	10
Senhor da Fonte da Vida	15	Canto de Amor magoado	10
Grupo infantil	19	O sol do Amor	10
Mãe e Filho	21	Amores de Ema	10
Jardim de Luz	23	Caozinho vingador	10
Hinos da Manhã	29	Retrato de Paulina	11
Moisés	35	Supplico!	11
Saudade	47	Clarice	12
Cegueira do Pae	51	O castello com estrellas	12
Portuguezes	53	Caminho na floresta	12
O Desterrado	59	Amor e innocencias	12
Amor á humanidade	61	Amor ideal	13
O csar da Russia	63	Amor na Terra	13
Amor aos desvalidos	65	João Sonhador	14
Amor á Consciencia	67	Proemio	17
Periodo da Saudade	69	Notas	17
Apotheose Theatral	87	Indice	

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº................

biblioteca
municipal
barcelos
6474
Amores e flores